

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)
ARMANDO ROCHA CRUZ

DIRECTOR ADJUNTO
ARMANDO DE MENDONÇA

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO — RUA MINISTRO
DUARTE PACHECO, 11 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPOSIÇÃO e IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
TEL. 59 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

UNIÕES ILEGAIS A FEIÇÃO RAIANA de VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Por TIAGO LINS

NÃO foi já neste último recenseamento geral da população e sim no antecedente que tendo a nosso cargo a direcção de um grupo de homens lhe dissemos que se tivessem alguma dificuldade no preenchimento do respectivo boletim, o levarem ao local do nosso encontro que nós os orientaríamos. Felizmente que só dois se socorreram de nós; e dizemos felizmente porque as respectivas famílias formavam de tal forma um emaranhado de parentesco que chegámos ao fim, arrumando aquilo de qualquer maneira e sem compreendermos a ligação que os prendia e entre eles existia. E' que vivendo várias gerações no mesmo lar — avós, filhos e netos — não havia entre eles uniões normais e legais.

Era um pandemónio confuso resultante de relações ilícitas. Não estavam casados, religiosa ou civilmente, e sim como é vulgar dizer-se juntos.

E' hoje uma triste e tantas vezes repugnante realidade verificar-se que talvez mais de metade da população, e com acentuada percentagem nos meios rurais, não tem a sua constituição familiar assente em bases morais e legais. Que consistência pode ter e como pode ser uma sociedade formada por estas células e assente nestes princípios?

CHÁVENAS de café QUASE AMARGO

ENSINAR E APRENDER

Conduzir os alunos à reflexão pessoal (por pouco profunda que esta seja), levá-los ao gosto pela problematização e à descoberta ou invenção das adequadas soluções das dificuldades que vão surgindo — eis a boa pedagogia.

Ensinar pode entender-se em dois sentidos: ou transmissão de conhecimentos a quem os não pede com real apetite intelectual — e é este o sistema habitual — ou essa mesma transmissão em regime de diálogo, surgido de uma real necessidade de aprendi-

(Conclui na 3.ª página)

DIVAGANDO SOBRE TURISMO

YEN-NÔ-GUIÔ-DJA O PROTECTOR DOS VIAJANTES E TURISTAS

Por ARMANDO DE MENDONÇA

AGORA que Março anda pelo Mundo, cheio de sol, pondo na terra algarvia mais colorido e luminosidade, vamos hoje afastar-nos um pouco dos problemas que afectam o turismo algarvio, divagando sobre turismo e seus efeitos morais naqueles que, afastando-se do quotidiano, demandam as «sete partidas do mundo» em busca de um alívio para o «spleen», que os ares da cidade formam no espírito cansado da árdua luta pela existência.

Agora, na intimidade dos lares, das tardes derramadas de sol e de cheiro a almiscarado que nos impelem os pensamentos, embotados pela labuta do dia-a-dia, para o seio da grande mãe-natureza, vamos falar de um deus búdico que, calmo e inerte na sua matéria lenhosa, repousa numa das salas do Museu de Lyon. Yen-Nô-Guiô-Dja, descoberto em 1882, numa das acanhadas salas do Museu de Lyon, pelo sr. Charvet, no meio de uma enorme quantidade de deuses de bronze, de barro polieromado e de madeiras douradas, é uma pequena estátua de um metro de altura em madeira mui-

(Conclui na 2.ª página)



O seu trabalho foi seguido com contínuo interesse e admiração.

GUADIANA opera uma separação entre os dois povos, muito mais política do que de costumes. A linha raiana que noutros lugares produz efectiva diferenciação de hábitos, de língua, e até, por vezes, de caracteres etnológicos, aqui é quase uma ligação entre os dois países que poisam cada um na sua margem.

Em Vila Real de Santo António, por força de velhas costumeiras que remontam séculos atrás, sempre se produziu uma espécie de osmose entre portugueses e espanhóis, muito mais activa daqueles para conosco.

Quem pela primeira vez visita a vila setecentista que o Marquês fez construir em substituição da submersa Santo António da Arenilha, não pode deixar de ser surpreendido pela mescla raiana dos dizeres e dos hábitos importados da margem esquerda.

A linguagem popular vila-realense tem curiosidades que podem lembrar o híbrido «falar» bar-ranquenho.

Aqui diz-se com frequência: «olha o homem este», «estive malamente» etc. Nas formas reflexas, é usual vir o pronome antes do verbo, mesmo em circunstâncias em que esta anteposição não tem viabilidade em português.

Um dos elementos carregadores destas formas espúrias, é aquele grupo de variada e típica feição que em Vila Real é conhecido por «mulheres da carreira».

No seu vai-vem incessante de uma para a outra margem do rio, fazendo um pequeno comércio de bugigangas que lhes dá um lucro minguido, não trazem de Ayamonte apenas a pacotilha que depois tratam de vender do lado de cá, porque transportam também um vocabulário suis genéris, feito de impurezas importadas e de deturpações.

Ao ouvi-las discorrer custa, muitas vezes, a discernir o que dizem. E a acentuação dos dizeres tem um ritmo tão estranho, que a sua linguagem se transforma num «chappurreao», nem andaluz, nem algarvio...

Depois, o uso da língua espanhola é ainda hoje coisa corrente entre algumas famílias portuguesas aqui estabelecidas.

Desde o Século XVIII, ou por conveniências comerciais, ou como resultado de expatriações forçadas por imperativos políticos, muitas famílias do país vizinho vieram fixar-se aqui. E os casamentos naturalmente tratados entre pessoas da mesma origem,

(Conclui na 4.ª página)

CONSAGRAÇÃO DA ESCRITORA E POETISA LUTGARDA DE CAIRES

JÁ se encontra constituída a comissão que, sob o patrocínio da Casa do Algarve, se propõe levar a efeito, em Vila Real de Santo António, a consagração devida à sua escritora e poetisa D. Lutgarda de Caires.

Fazem parte da referida comissão, de que será presidente de honra o ilustre médico e cientista, sr. dr. Alvaro de Caires, filho da homenageada, as sr.ªs D. Isabel Centeno Rocha de Sousa Carvalho e D. Maria do Nascimento A. C. Gomes Sanches, representantes femininas de Vila Real de St.º António; dr.ª D. Maria Odette Leonardo da Fonseca e D. Lutgarda da Silva Rodrigues Nunes, pelas escritoras algarvias; e srs. major Mateus Moreno, pela Casa do Algarve e imprensa algarvia, e jornalista José Barão e dr. Carlos Abecassis Pereira Resende, como representantes de Vila Real de St.º António, no Conselho Superior Regional da Casa do Algarve.

A primeira reunião dos membros desta comissão residentes em Lisboa efectuou-se no dia 6 do mês corrente pelas 18 horas, na Casa do Algarve.

GRUPO CULTURAL DE TAVIRA

TEM prosseguido na sua utilíssima actividade, o Grupo Cultural de Tavira, o que registamos com muito prazer e admiração.

Em 27 de Fevereiro último, houve uma conferência, feita pelo rev.º padre António Domingues Fernandes, director do Colégio Algarve e administrador da «Folha do Domingo», de Faro, e subordinada ao título «A situação dos portugueses no Norte de África».

O seu trabalho foi seguido com contínuo interesse e admiração.

Descrição e Interpretação DE IDEIAS

Por N. RODRIGUES PENA

Se nos dermos ao trabalho de compulsarmos o que se publica não só em jornais mas até em brochuras chegaremos à desoladora conclusão que muito raramente descemos à análise dos problemas e das ideias e nos limitamos pura e simplesmente à sua descrição. Pois bem: a descrição dos factos, das ideias, não constitui trabalho inteiramente inútil, quando esse trabalho obedece a uma rigorosa objectividade. Simplesmente, a objectividade nem sempre é nosso apanágio e daí a deformação voluntária ou involuntária da realidade das coisas. Existe uma diferença enorme entre o trabalho de interpretação e descrição de ideias. Por isso achamos que o verdadeiro trabalho intelectual exige apurado sen-

tido crítico, poder de relação e comparação de ideias. Ao descrevermos um sistema de ideias, ou simplesmente um facto confinamo-nos numa passiva receptividade; mas, se analisarmos, se compararmos, se submetermos as ideias à prova da nossa experiência, da nossa cultura, efectivamente procedemos a um trabalho fecundo, corajoso e útil. Deixamos assim de desempenhar o papel cómodo dos «yes-men» para mergulharmos na discussão e na problemática das próprias ideias.

É fácil descobrir que os escritores que se limitam à simples descrição nunca podem atingir esse grau de paixão que só a dis-

cusão viva e ardente das ideias suscita. É fácil também verificar que o simples trabalho de descrição de ideias é sempre um «tarefa de epígonos, onde as palavras pouco ou nada traduzem e, principalmente, se patenteia a indigência de pensamento e uma falta de cultura que, por sua vez, constituem muros intransponíveis para a interpretação dos sistemas de ideias e dos factos. Poderão, certamente, responder-nos com uma grande dose de verdade que os autênticos criadores de sistemas se contam pelos dedos na já longa história do pensamento humano. Sim, é exacta esta observação, mas não esqueçamos que muitos desses criadores de sistemas tiveram a visão ou o bom senso de não ocultarem as próprias limitações dos seus sistemas e contrariaram todos aqueles que confundiam sistema com dogma. Esses criadores não evitavam ou temiam a discussão, pelo contrário, provocavam-na. Por outro lado, sentiam-se conscientemente prisioneiros dos fenómenos e conhecimentos da sua época e a previsão do futuro no campo social não é coisa tão fácil como muitos presumem. Mas os sistemas ideológicos são sempre construções mentais elaboradas a partir dum complexo de realidades. Ora, a realidade, como se sabe, não é constituída por quadros imutáveis, fixos, mas o seu processo obedece a leis dinâmicas, nem sempre previsíveis ou rigidamente calcu-

(Conclui na 4.ª página)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O «GRITO DA ROSA»

Poemas de MORENITO REBELO

É MUITO possível que à maioria dos leitores preocupados dos jornais este nome — Morenito Rebelo — que é afinal o pseudónimo sob o qual se oculta a curiosa personalidade do professor José de Sousa Peixoto, não diga coisa alguma. No entanto, se esse mesmo leitor não for tão despreocupado quanto se nos afi-

gura à primeira vista, é muito provável que já tivesse tido sob os seus olhos, e até com muito agrado, alguma composição poética das várias que Morenito Rebelo traz dispersas pelos jornais.

Se tal aconteceu, sabe, pois, o leitor anónimo que algo de puro e de bom esse novo das Letras traz até nós, através da sua mensagem que, encerrando uma mão cheia de ansiedades humanas, é o grito de uma alma que se transmite a si própria, desejosa de transmitir aos outros através dos

(Conclui na 2.ª página)

NOTAS À MARGEM

Por TRISTÃO DA LUZ

João de Deus

O ALGARVE é um alfobre de poetas onde se alça a grandes alturas a figura mavirosa de João de Deus. E o Algarve ainda não pagou a este seu filho, entre todos ilustre, a dívida que com ele tem em aberto.

No dia do aniversário que agora passou, em 8 do corrente, foi o Grupo dos Amigos de Silves colocar uma lápida comemorativa na verdadeira casa do seu nas cimento, pois outra que existia indicava um local errado. O nosso jornal levantou essa dúvida que motivou uma carta do ilustre pintor Samora Barros, que então publicámos.

Sabemos que para a fundação, em Faro, de um Jardim-Escola da invocação do seu nome há terreno oferecido e algumas dezenas de contos juntos. Mas há uma nódoa de ingratidão que urge apagar. Referimo-nos ao desaparecimento do seu nome da fachada do Liceu de Faro.

Não compreendemos, não o compreendem os algarvios, porque se perpetuou aquele

(Conclui na 4.ª página)

NOVO JUIZ DE VILA REAL S. ANTÓNIO

Foi nomeado para a comarca de Vila Real de Santo António, o sr. dr. Juiz Augusto Valente Constante, que anteriormente exercia idênticas funções em Reguengos de Monsaraz.

Ao dig.º Magistrado o nosso jornal deseja felicidades no desempenho do seu elevado cargo.

PROBLEMAS ALGARVIOS

O JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS

ESTAMOS no 131.º aniversário do nascimento do poeta João de Deus, uma das grandes figuras literárias do século passado. A Casa do Algarve, que o tem por patrono, comemorou essa data com uma sessão solene, no dia 8 do corrente. Essa sessão teve a presidência a sr.ª D. Maria da Luz de Deus Ramos Ponce de Carvalho, neta desse poeta algarvio.

Nessa festa ao pedagogo, renovador do lirismo nacional, ao glorioso poeta João de Deus, foi orador da noite, o prof. dr. Hernâni Cidade, que proferiu magistral conferência, subordinada ao tema: «João de Deus e a poesia do seu tempo», festa que coincidiu com o 51.º aniversário da Casa do Algarve em Lisboa.

A construção dum Jardim-Escola João de Deus, na capital algarvia, ideia lançada em 1951, a quando da realização do II Congresso Regional Algarvio, pe-

lo então presidente da Câmara de Loulé, sr. dr. Maurício Serafim Monteiro, hoje no exercício das funções de presidente da nossa colectividade regionalista, continua na ordem do dia e com vislumbres de vir a concretizar-se nestes tempos mais próximos,

(Conclui na 2.ª página)



Um lindo penteado — «PRIMAVERA 1961»

Problemas Algarvios

O JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS

(Conclusão da 1.ª página)

Somos do que, desde a primeira hora, aceitámos e aplaudimos a iniciativa da Casa do Algarve, e pela sua concretização temos vindo a terreiro, com palavras de estímulo e de incentivo, para que o Algarve não protelesse por mais tempo o pagamento da dívida que contraiu para com João de Deus.

Em boa verdade, há muito tempo que devia existir em Faro, na capital do Algarve, um Jardim-Escola.

Ficará muito bem no Algarve, entre a sua paisagem deslumbrante e luminosa, um Jardim-Escola, obra de educação que evocará o espírito do poeta e será o melhor monumento a consagrar à memória do pedagogo.

Por um comunicado publicado há dias pela Casa do Algarve, tomámos conhecimento de que vão renovar-se os propósitos da colheita de fundos para que o Jardim-Escola seja uma realidade.

Congratulamo-nos com o facto e estamos certos de que novas energias vão ser postas em jogo, para que seja saldada a dívida para com João de Deus. O exemplo do poeta perdura através dos tempos, na obra de amor e de luz que legou ao mundo.

Chegou a hora dos algarvios se pronunciarem sobre o Jardim-Escola, obra que tem sido criada e mantida, com o maior carinho, em di-

versas terras portuguesas e até no Ultramar.

Não será já tempo de o Algarve possuir o seu Jardim-Escola? Não será já tempo de o Algarve pagar o seu tributo de gratidão, erguendo, também, uma instituição de educação pré-natal, a exemplo do que já fizeram Coimbra, Porto, Viseu, Figueira da Foz, Leiria, Alcobaca, Alhadas, Mortágua, Castelo Branco, Chaves, Tomar, Torres Novas e outras terras mais?

Porque não há-de ter o Algarve, também, o seu Jardim-Escola?

A vida e a educação das crianças constituíram sempre, nos países civilizados, uma preocupação dominante, e essa obra, obra única no seu género, em terra portuguesa, pelo ideal que a informa, pela solidez do processo em que se apoia, sobretudo pela revelação de uma ternura pela infância, demonstra inteligência, dignidade e amor.

Mãos à obra, pois, e que nenhum algarvio deixe de estar presente, com a sua dádiva, que será a justa homenagem ao criador do admirável método de ensino e ao pedagogo instituidor dos jardins-escolas, seu filho, dr. João de Deus Ramos.

O Algarve tem de marcar a sua posição na jornada que vai iniciar-se sob os auspícios da Casa do Algarve, para que o autor da «Cartilha Maternal» tenha a homenagem a que tem jus.

O poeta algarvio e pedagogo João de Deus, autor de «Campo de Flores» e de «Folhas Soltas», o maior lirico do século passado, uma glória da nossa provincia, não pode, de maneira alguma, ser esquecido pelos seus comprovincianos.

A juventude estudantil primária e secundária da nossa terra algarvia tem de secundar este movimento, em que se pretende saldar uma dívida de gratidão!

Luís Sebastião Peres

Excursão ao Algarve

Organizado pela Agência de Viagens RODARTE, estão neste momento de visita ao Algarve numerosos excursionistas. Entre ontem, sábado, e hoje, devem visitar Lagos, Cabo de S. Vicente, Sagres, Portimão, Praia da Rocha, Caldas de Monchique, Albufeira, Loulé e Faro.

Oxalá possam regressar da nossa provincia plenamente satisfeitos, tanto com a paisagem como com as gentes, naturalmente simples e bondosas.

Só é pena que essa Agência de viagens não tenha incluído no seu itinerário as principais vilas do Sotavento. Estamos certos que os senhores excursionistas não dariam o seu tempo por mal-empregado. E Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António, «também ser... bonitas terras».

FALECIMENTO

Em Castro Marim, onde residia, faleceu a sr.ª D. Maria Bárbara Correia Severo, viúva, de 86 anos de idade.

A extinta era mãe do sr. Eugénio Patrocínio Severo, da sr.ª D. Maria dos Anjos Severo Martins e do sr. Manuel Correia Severo e avó do sr. António Victor Severo Martins.

À família enlutada, apresentamos condolências.

NOVO SALÃO DE CABELEIREIRO em Vila Real de S. António

Abriu na passada semana, nesta vila, um moderno Salão de Cabeleireiro, propriedade do nosso prezado assinante sr. Eitelberto Viegas Palma.

Numas dependências totalmente modernas, o sr. Eitelberto Palma reuniu tudo de quanto há de mais actual para os penteados e tratamentos de beleza de Senhoras, num ambiente elegante e convidativo.

Ao sr. Eitelberto Palma desejamos muitas prosperidades no seu novo estabelecimento.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

O PÃO ESTÁ CADA VEZ PIOR

Do «Diário Popular» de há dias, transcrevemos a seguinte notícia pelo que ela tem de oportuno e de capacidade de identificação com muitas terras algarvias:

O pão está cada vez pior, está por vezes, intragável, eis o que nos escrevem vários leitores — e com essa opinião temos todos de concordar. É uma verdade. Parece até que o problema da qualidade do pão — seja disto ou daquilo, das farinhas, das suas misturas, das amassaduras ou das cozeduras, para o caso agora não interessa — acusa crises cíclicas... Quando se reclama, quando se protesta, quando se chama, para o efeito, a atenção das autoridades, melhora o alimento, ou por efeito da fiscalização ou pelos receios dela... Mas, pouco depois, volta tudo à mesma, quer dizer, à má qualidade. Na provincia acontece mais ou menos o mesmo que em Lisboa.

Presentemente, estamos a atravessar a crise da má qualidade, como consequência, ao que parece, de, já há algum tempo, não se registarem reclamações...

Assim, aos altos e baixos, numa flagrante irregularidade de qualidade, continuamos a comprar, a pagar e a comer o pão. Até quando?

E se se quiser verificar quanta verdade existe na afirmação de que o nosso pão é mau, basta compará-lo com aquele que se come em Espanha, França, Itália, Inglaterra, Alemanha, Grécia, etc.

Que singulares condições obrigam os portugueses a comer o pão... que são forçados a comer?

EM ONZE MESES DE COMÉRCIO EXTERNO

13.348.520 CONTOS DE IMPORTAÇÕES E 8.149.757 CONTOS DE EXPORTAÇÕES

DIFERENÇA entre as importações e as exportações que figura no comércio externo português nos meses de Janeiro a Novembro de 1960 atingiu 5.199.000 contos.

A importação foi de 13.348.520 contos e a exportação de 8.149.757 contos.

Figuram nas importações: Animais e produtos derivados — 304.707 contos; produtos vegetais — 771.516 contos; Gorduras — 134.324 contos; produtos das indústrias alimentares — 641.768 contos; produtos minerais — 1.550.351 contos; produtos das indústrias químicas — 1.154.216 contos; matérias plásticas — 467.331 contos; peles, coiros e similares — 165.446 contos; madeiras — 118.738 contos; matérias para papel — 252.635 contos; metais comuns — 1.861.168 contos; máquinas — 2.267.583 contos; material de transporte — 1.295.892 contos; aparelhagem de precisão e especializada — 248.653 contos.

Quanto às exportações: animais vivos — 148.048 contos; produtos vegetais — 166.957 contos; gorduras — 148.043 contos; produtos das indústrias alimentares — 1.759.628 contos; produtos minerais — 607.787 contos; produtos das indústrias químicas — 671.994 contos; matérias plásticas — 138.829 contos; peles e coiros — 15.804 contos; madeira e cortiça — 1.777.245 contos; matérias primas para o fabrico de papel — 213.075 contos; matérias têxteis e suas obras — 1.749.827 contos; calçado e chapéus — 80.097 contos; obra de pedra e vidros — 101.479 contos; metais — 272.365 contos; e máquinas — 205.360 contos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O «GRITO DA ROSA»

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

diferentes cambiantes do seu pensamento, os seus entusiasmos e os seus fracassos, as suas vitórias e as suas derrotas, as suas ilusões e os seus desenganos, quer elevando-nos na inspiração do seu estro privilegiado, quer fazendo-nos descer abruptamente às mesquinhas tentações terrenas.

Contudo, julgo que não será só isto o que há-de prender o leitor. Creio que ele sentirá um elevado prazer espiritual ao ler esse «Grito da Rosa», eivado de sinceridade e de beleza, dessa beleza que só logramos encontrar nas páginas dos verdadeiros poetas, beleza estranha mas tão real que quase a tocamos com as nossas mãos.

Não, não é um poeta vulgar aquele que escreveu «O Grito da Rosa», cuja poesia nunca é de conceito simples, embora o possa parecer, por vezes, pela forma como se exprime. E senão vejamos a sua «Presença»:

Na lua que nasce . . .
— Vejo-te a face.
Na brisa veloz . . .
— Oigo-te a voz.
Na folha que cai . . .
— Suspiras um ai.
Na espuma em desvelos . . .
— Vejo os teus cabelos . . .
... E eu não me iludo
Porque estás em tudo! . . .

Morenito Rebelo mostra também acentuado gosto pelos modelos clássicos. Há no seu «Desafios», exemplo da permanente contradição em que o Homem se debate consigo próprio, muito de Sá de Miranda.

Não sou o que sou, sou o que não sou
E o meu traídor eu faz o que eu não quero

Vejamos agora o seu poema «Limites», frémito de asas batendo contra as grades que restringem o pensamento humano, dificultando a ascensão natural do Homem e fazendo-o sentir profundamente essa angústia em que necessariamente vive.

Esbracejo de encontro ao horizonte
Acotovelado estrelas, Sol astros,
E naufraga de proa contra um monte
Meu navio sem velas e sem mastros

É ainda Morenito Rebelo quem nos abre a alma, perene de sinceridade, em «Inocências»:

Fugiu de casa — fugiu,
E subiu a um alto monte
Para entrar no céu que viu
A poisar-se no horizonte.

E a terminar:
— Coração que já foi meu! . . .
Eu já fui esse rapaz
Que quis ir assim ao céu
Mas depois voltou p'ra trás.

Muito e muito haveria ainda a dizer deste poeta predestinado que, se persistir em trilhar o caminho que tão corajosamente se propôs, e sinceramente desejamos que o faça, poderá, depois de limadas algumas ligeiríssimas arestas que os olhos de vários há-de descartinar no seu «Grito da Rosa», vir a enfileirar junto dos grandes nomes da Poesia nacional, como Mário de Sá Carneiro, cuja influência nos parece tão nitida em Morenito Rebelo.

Jocelyne Pinto PARA A ROMÉNIA SEGUIRAM 200 Toneladas de Cacau, Conservas de Peixe E CORTIÇA

Em troca de carne bovina, Portugal exportou agora, para a Roménia, duzentas toneladas de cacau, há dias apenas recebido de S. Tomé.

Também para a Roménia seguiram 45.000 caixas com 450.000 latas de conservas de peixe e ainda 170 toneladas de cortiça em bruto e manufacturada.

MADRINHA DE GUERRA

Pede-nos o sr. Firmino da Silva Ribeiro, escriturário do RIL/BM, Caixa Postal n.º 5990-Luanda que informemos estar interessado em conseguir Madrinha de Guerra.

Aqui deixamos exarado o seu desejo, esperando que alguma das nossas leitoras se disponha a tê-lo por afilhado.

A ACÇÃO do PATRIMÓNIO dos POBRES da freguesia de Vila Real de S. António

No prosseguimento da sua iniciativa, vai o Património dos Pobres desta freguesia, com o patrocínio da Conferência de S. Vicente de Paulo, da mesma, construir mais 10 casas para famílias pobres, sem pagamento de renda, desta vez no prolongamento da rua Gonçalo Velho da vizinha povoação de Monte Gordo. A construção da 1.ª fase de 5 casas, foi já iniciada no passado dia 27 de Fevereiro, com a cerimónia da benção da primeira pedra pelo reverendo sr. Prior Jorge Vicente de Passos, a que assistiram os Vicentinos da dita Conferência e muito povo.

O Património dos Pobres desta freguesia, que há apenas três anos inaugurou em Vila Real de Santo António 6 casas para famílias pobres, cuja acção se deve aos componentes da Conferência de S. Vicente de Paulo e a todas as pessoas e entidades que com a sua ajuda e compreensão de alto sentido cristão têm tornado possível esta iniciativa, vai assim cumprindo a sua missão de bem-fazer, proporcionando um pouco de conforto a algumas famílias que, por carência de meios, vivem em péssimas condições de higiene.

Para ocorrer ao dispêndio com a construção da 1.ª fase de 5 casas, que anda à volta dos 100.000\$00, conta já o Património com as seguintes verbas:

Saldo do ano anterior	41.892\$40
Receita já deste ano:	
Sr. Mário Parodi (quota anual)	500\$00
D. Felisberta Horta id	50\$00
Sr. Manuel da S. Azinheira Pereira id	50\$00
Sr. Mário Antunes Lança id	100\$00
D. Maria Filipe Aranha id	20\$00
Sr. António de Brito id	100\$00
D. Carmem Barroso id	80\$00
D. Maria Fernanda Bandeira id	50\$00
D. Célia Higino Saraiva id	100\$00
D. Luzia Cumbreira C. de Sousa (donativo)	200\$00
D. Alice Garcia Ramirez (quota anual)	1.000\$00
Pároco de Vila R. de S. António id	100\$00
D. Rosa Machado id	20\$00
A transportar	44.262\$40

Espera a Conferência de S. Vicente de Paulo o auxilio e generosidade de todas as pessoas que, compreendendo o elevado significado cristão desta Obra, queiram concorrer com as suas dádivas, quer pagando as suas quotas anuais, quer tributando os seus donativos para este fim.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE
EM TODO O ALGARVE

O «Noticias do Algarve»
vende-se na Livraria CA-PELA, em Olhão.

A B C Cine-Clube DE LISBOA

Em Assembleia Geral, efectuada há dias, foram eleitos os seguintes corpos gerentes para 1961:

Mesa da Assembleia Geral
Presidente, Artur Ramos; Secretários, Joaquim Manuel Baptista e Fernando Velez.

Direcção
Presidente, Manuel Rodrigues Neves; Vice-Presidente, Carlos Alberto Vitorino; 1.º Secretário, Carlos Eduardo Gil; 2.º Secretário, Raul Antero Boaventura; Tesoureiro, Filomeno Prazeres Carlos dos Santos; Vogais, Maria Teresa Horta e Fernando Silva.

Conselho Fiscal
Orlando da Conceição Matias, Gabriel Fernandes Barros Lobo e José António Baptista.

ALMOÇO DE HOMENAGEM ao sr. Major Mateus Moreno

DIRECÇÃO da Casa do Algarve, em sua última reunião sob a presidência do seu vice-presidente, em exercício, sr. dr. Mauricio Monteiro, deliberou realizar, no próximo dia 19 do corrente, um almoço de confraternização algarvia, no qual será prestada homenagem ao sr. Major Mateus Moreno, recentemente eleito presidente honorário da referida agremiação não só pelos relevantes serviços prestados à sua Provincia, como, muito em especial, pela sua brilhante actuação na qualidade de presidente da direcção da Casa do Algarve durante mais de 9 anos seguidos, elevando-a ao mais alto nível no meio regionalista português.

As inscrições, já em elevado número, encontram-se abertas na Secretaria da Casa do Algarve, Rua Capelo 5-2.º-Dt.º tel. fone 25240 e na Pastelaria Marques, ao Chiado, podendo inscrever-se no referido almoço todos os algarvios sócios ou não da colectividade e bem assim todos os admiradores do distinto homenageado, no vasto campo das suas actividades literárias, jornalísticas e oficiais.

Tipografia SOCORRO

Os mais modernos estabelecimentos gráficos do Sul do País — Telef. 59 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

GASOSA

JAGUAR

PARA A ROMÉNIA SEGUIRAM 200 Toneladas de Cacau, Conservas de Peixe E CORTIÇA

TINTAS EXCELSIOR

NA CONSTRUÇÃO NAVAL PORTUGUESA

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

Tipografia SOCORRO Os mais modernos estabelecimentos gráficos do Sul do País — Telef. 59 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

DESPORTOS

LUSITANO, 3 - ALHANDRA, 0

Os locais perderam golos em série...

COMO HABITUALMENTE

Jogo no campo «Francisco Gomes Socorro», em Vila Real de Santo António.

Árbitro: Madeira da Rocha (Évora).

As equipas:
LUSITANO — Martinez; José Pedro, Padesca e Gonçalves; Rodolfo e Parra; Torres, Claudio, Marco, Araújo e Ludgero.

ALHANDRA — Ribeiro; Adérito, Vitorino e Sousa; Julião e André; Mega, Antunes, Melo, Quim e Neves.

O Lusitano teve no domingo a recuperação que há muito se desejava. Perder os jogos em casa impunha mau ambiente em redor da equipa e a falta de apoio necessário para que a mesma pudesse singrar e encontrar equilíbrio. Contribuiu para a má produção da turma, a ausência de alguns titulares, que por qualquer motivo não podiam dar o seu concurso à equipa.

Mas, no domingo, a equipa vila-realense foi toda outra, não obstante a falta de Jaruga, e realizou trabalho que pode considerar-se aceitável e prenunciador de melhores dias.

Sempre que utilizou a velocidade como sistema, o Lusitano inquietou seriamente o adversário, incapaz de deter os avanços dos argarvios feitos com bola e jogadores em movimento constante e em que o futebol produzido teve fases de muito brilho, mostrando uma ligação de há muito afastada da equipa.

Esta toada rápida dos visitados durou precisamente os 45 minutos do primeiro tempo e rendeu-lhe, além de três tentos, uma superioridade técnica e territorial que gerava permanentes problemas aos homens da extrema defesa alhandrense e aos companheiros que recuavam em seu auxílio. Assim, sobrecarregados na defensiva, só escassas vezes os visitantes desciam ao meio campo contrário, fazendo-o, porém, de modo a que os defensores lusitanistas anulassem facilmente esses esboços de contra-ataque.

CICLISMO

A Volta ao Algarve nos dias 25 e 26 de Março

ORGANIZADA pelo Ginásio Clube de Tavira, vai efectuar-se a Volta ao Algarve em bicicleta, nos dias 25 e 26 do corrente.

A prova é reservada a ciclistas independentes e tem o patrocínio da Federação Portuguesa de Ciclismo, que presta a sua colaboração técnica e convocará oficialmente cinco corredores portugueses, indicados pelo seleccionador nacional, como preparação para as voltas à Espanha e França.

Esta volta terá a participação de atletas do F. C. Porto, Sangalhos, Académico, Águias de Alpiarça, Benfica, Sporting, Louletano, etc.

No primeiro dia, os ciclistas seguem pelo litoral algarvio até Portimão e Silves, terminando em Loulé, numa extensão de 200 quilómetros. No dia imediato, entrar-se-á no acidentado da Serra do Caldeirão, derivando por Cachopo, Martinlongo, cruzamento Mértola-Alcoutim, Odeleite, Azinhal, Junqueira, Montinho, Castro Marim, Encalhe, Cacula, Conceição e terminando em Tavira, num percurso de cerca de 180 quilómetros.

No segundo tempo, o Lusitano abrandou e então pôde ver-se o Alhandra desenvolvendo os seus lances, equilibrando a partida territorialmente e desenhando até um futebol ligado, a que apenas faltou rapidez para poder finalizar.

No Lusitano, Rodolfo, Marco e Ludgero foram os melhores de uma equipa em subida de «forma», enquanto que nos visitantes se destacaram Julião e Quim.

Arbitragem regular.

MAGOVY

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E	D.	B.	P.
OLHANENSE	19	13	5	2	56-16	31
FARENSE	19	15	1	4	41-18	31
Oriental	19	13	4	3	45-17	30
V. Setubal	19	12	5	3	56-21	29
Alhandra	19	10	4	6	46-42	24
Montijo	19	8	5	7	34-37	21
L. Olivais	19	9	3	8	41-31	21
PORTIMONENSE	19	8	2	10	31-29	18
D. de Beja	19	8	2	10	27-34	18
LUSITANO	19	5	4	11	22-36	14
Estoril	19	5	3	12	25-34	13
Juventude	19	5	3	12	24-52	13
Sacavenense	19	4	5	11	24-54	13
U. de Montemor	19	2	—	18	31-82	4

Jogos para hoje: Juventude-LUSITANO; Alhandra-Estoril; OLHANENSE-Beja; Sacavenense-Montijo; V. Setubal-Oriental; Montemor-FARENSE ePORTIMONENSE-Olivais.

Campeonato Nacional da III Divisão

Sambrasense, 0-S. Domingos, 0

Jogo em S. Brás de Alportel, arbitrado por José Nunes, de Faro.

SAMBRASENSE—Januário; Marçal, José Manuel e Bandeira; Toupeiro e Salapica; Domingos, Farrobal, Chitas, Brazão e Carlos.

S. DOMINGOS —Zarcos; Cipriano, Brás e Cavaco; Baptista e Cercas; Chora, Mestre, Pereira, Castela e Raul.

Jogo muito bem disputado sendo digno de nota que a arbitragem foi a melhor que passou por S. Brás.

Louletano, 0-Silves, 4

Jogo em Loulé, no Estádio de Campina. Árbitro: Pinto Coelho, de Faro.

LOULETANO — Ascensão; Larguito, Monteiro e Américo; André e Seruca; Albano, Ferreira, Medronhal Zaza e PERRUCA.

SILVES —Inácio; Maurício, Loia e Pacheco; Alves e Alberto; Lourenço, Carlos Silva, Grilo, Helder e Domingos.

Ao intervalo: 0-2, aos 42 minutos por Domingos, e no minuto seguinte Lourenço.

Na segunda parte, aos 32 minutos, Helder, e aos 34, por Carlos Silva, fixaram a marca em 0-4. Resultado certo.

Arbitragem irregular.

Aljustrelense, 6-Esperança, 1

Jogo no campo da Mina, arbitrado por Mário Alves, de Beja.

ALJUSTRELENSE — Ramires; Barradas, Patinha II e Felício; Tavares e Mário; Miguel, Patinha I, Horta, Armando e Faustino.

ESPERANÇA — Cadete; Rico, Amilcar e Julio; Ricardo e Duarte; Conceição, Reis, Gorgulho, José Pedro e Constantino.

MAJOR

J. NASCIMENTO MOURA

Tem passado incomodado de saúde o nosso prezado colaborador e estimado amigo sr. Major J. Nascimento Moura, pelo que fazemos sinceros votos pelo seu pronto restabelecimento.

JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS EM FARO

ESTÁ reactivando os seus trabalhos para a angariação de donativos a favor da construção de um Jardim-Escola João de Deus, em Faro, a comissão da Casa do Algarve promotora de tão simpática e oportuna iniciativa, de que fazem parte os srs. dr. Mauricio Monteiro, Libânio Correia, Hermenegildo Neves Franco, eng.º José António Madeira, e majores Mateus Moreno e Nascimento Moura.

Os donativos subscritos até ao presente totalizam já 54.685\$70, oferecendo o terreno para a construção o presidente honorário da comissão de beneficência da Casa do Algarve, sr. eng.º M. A. de Sande Lemos, e o projecto do Jardim-Escola, a architecta algarvia sr.ª D. Maria José Estanco de Brito.

Visado pela Comissão de Censura

3 vezes por dia comprimido

contra dores de cabeça constipações reumatismo



Chávenas de Café Quase Amargo

(Conclusão da 1.ª página)

der. E entre esses dois sistemas de transmissão não pode haver hesitações na escolha. É pelo primeiro que a escola se deve naturalmente decidir, porque só ele é proficuo, uma vez que envolve activa colaboração do educando. Actividade escolar, para a qual o aluno não seja chamado, no exercicio de uma função interventora, fazendo perguntas, apresentando problemas, dando suas opiniões e soluções (por mais modestas que sejam), é actividade de fraca eficiência, no respeitante ao desenvolvimento da personalidade desse mesmo educando. E se essa personalidade se fica a marcar passo no mesmo lugar, sem acréscimo de auto-confiança, não estará a escola praticando crime de lesa-humanidade? Ensinar dogmáticamente — «isto, porque é isto, não discute» — é muito cómodo para o professor, mas é menos proficuo para o estudante, se, acaso, este pode colaborar o seu pouquinho na descoberta da verdade. Ensinar deve ser incentivo permanente à actividade espontânea e criadora do educando.

Acrescentemos que foi bispo protestante.

CIVILIZAÇÃO E ESFORÇO

Onde existir a convicção da eficiência do esforço — aí surgirá necessariamente a civilização. Onde, pelo contrário, a filosofia da ineficácia do esforço for a norma, teremos apenas gente que faz que anda, mas sem sair do mesmo lugar. Porque será que o continente africano tem sempre ficado na raibeira da civilização? Não é preciso para fusar muito para encontrar a resposta. É que o negro não acredita que a vida possa mudar. O esforço continuado não é com ele... A energia do negro é um fogo fátuo — agora levantado e logo caído. É uma energia feita do quantum satis para ocorrer às necessidades do momento, não indo além.

Se no continente africano nasceram — e estão nascendo — focos de civilização, isso se deve precisamente à presença efectiva de rapas para quem a confiança no esforço é uma religião.

Cruz Malpique

PORTO

RAINHA SANTA

ATÉ

OS ANJOS

BEBEM!...

RODRIGUES PINEO & C.ª

VILA NOVA de GAIA



FIGUEIRA DA FOZ FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE

Aluga-se, situada em Buarcos, composta de três grandes armazéns e vasta área de terreno, com abundância de água, próxima da lota, centro de pesca importante e pessoal habilitado.

Resposta à Redacção deste jornal ao N.º 32

PARA CUIDAR DA BELEZA DO SEU CABELO

Lux oferece-lhe esta bela escova



LAVÁVEL PRÁTICA MALEÁVEL

Exactamente! A magnífica escova para o seu cabelo que a senhora estava a pensar comprar, é-lhe oferecida gratuitamente pelo seu sabonete Lux num conjunto de 3 sabonetes, de tamanho e preço normais! Procure já no seu fornecedor este conjunto especial de Lux que lhe traz uma escova brinde!

GRÁTIS

AO COMPRAR TRÊS SABONETES LUX NORMAL

Descrição e Interpretação DE IDEIAS

CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA

ladas pelos homens. Se assim fosse, estaríamos num mundo de facilidades e a experiência inculcamos que no mundo são fáceis. Ninguém se atreve a discutir problemas de física ou matemática sem ter efectuado uma longa aprendizagem dessas matérias, mas nos problemas sociológicos parece que todos se encontram em condições de tratar dos problemas que se inserem no difícil âmbito das ciências sociais. E assim caídos no vício da facilidade não conseguimos ultrapassar a superficialidade das coisas e das ideias. Mantemo-nos à superfície das ideias e dos acontecimentos; jamais penetramos no cerne dos problemas. Somos hábeis em comentários breves; prolixos nas dissertações majestosas e ocas, usamos uma certa finura ou habilidade na descrição e apresentação de ideias, mas falta-nos o essencial, esse instrumento de crítica e interpretação que só uma cultura ampla nos poderia facultar.

É frequente proclamarmos a nossa carência de verdadeiros, de autênticos pensadores. Mas poucos se têm dado ao cuidado de explicar as causas desse facto. Escuso-me a aceitar que a carência dum pensamento se deve a causas étnicas ou geográficas. Povos que desempenharam papel preponderante no campo da cultura em certas épocas vem logo mais tarde no mais desolador obscurantismo; outros, pelo contrário, erguem-se da sombra e galgam rapidamente as altas esferas da civilização.

Só a divulgação e actualização da cultura conduzirá os povos a

UNIÕES ILEGAIS

(Conclusão da 1.ª página)

não fazendo do casamento um arraial de gentes esfomeadas, dando-se-lhe um carácter mais íntimo como aliás é próprio do acto.

Há já muitos, muitos anos, quem estas linhas escreve, fez-se acompanhar nesse acto, que sempre reputou o mais solene da sua vida, simplesmente por pessoas de sua família.

Mas se a este bordão das grandes despesas se encostam para fazer a sua defesa, nem sempre é esse o motivo principal. Conheçemos pessoas de haveres que seguem o mesmo trilho. É um relaxamento de costumes que urge sanear se não quisermos que tudo se dissolva na lama do sorvedouro da imoralidade; é a tendência para o mais fácil que poucas vezes é o mais honesto.

Quem mais sofre em meio destes desvarios é a mulher que nunca é esposa e que quando a união se desfaz o mais que pode obter são as soldadas de criada de servir que se põe fora de portas. E são os filhos, vítimas inocentes destes tresmalhos, que serão sempre, pela vida fora, filhos ilegítimos, filhos da amante e nunca da mulher de seu pai.

A Junta de Acção Social tem desenvolvido ultimamente acção meritória no distrito de Portalegre promovendo o casamento de casais de base ilegítima, cujo número chegou a perto de três centenas. Também no de Beja a sua acção se está a fazer sentir.

Tudo o que se faça neste campo para moralizar é de aplaudir e nós não deixaremos de o fazer nem de apontar a chaga pútrida que precisa de cauterização.

É de desejar que a Junta de Acção Social desenvolva os seus préstimos na nossa Província e em todas as outras, auxiliando-a todos os de boa vontade que não desejam ser submersos na onda de pus que sobe, sobe cada vez mais.

Tiago Lins

Banco do Algarve

Recebemos, deste Banco, que tem a sua sede em Faro, o Relatório, Balanço e Parecer do Conselho Fiscal referente ao exercício de 1960.

Através deste documento pudemos verificar o progressivo desenvolvimento desta unidade bancária algarvia, o que nos apraz registar.

No documento acima referido verifica-se que os lucros líquidos do exercício findo elevaram-se a Esc. 1.041.815\$44, que foram divididos pelas diversas rubricas indicadas.

A FEIÇÃO RAIANA de Vila Real de Santo António

(Conclusão da 1.ª página)

mantiveram uma espécie de «remanescente castelhano» que se foi conservando através de quase dois séculos. Ainda agora, a substituição do «z» terminal de certos apelidos, por um «s» mais português, é apenas o resultado da naturalização operada ao cabo de duas ou três gerações que se fixaram em solo nacional.

A manutenção de relações comerciais entre as duas povoações ribeirinhas — a portuguesa e a espanhola — e ainda o facto de existir, de um lado e de outro, parentela estreitamente ligada, aviva um intercâmbio de contactos em que a língua, naturalmente,

sofre tratos de desnacionalização...

Além de tudo isto, nos costumes da beira-rio portuguesa ainda hoje se pratica uma activa emigração para Espanha, legal ou clandestina. Grande parte das «companhas» dos pescadores espanhóis é de gente portuguesa.

Nas épocas magras do defeso, o marítimo obriga-se a sair para Espanha. A bordo dos barcos que arrastam na costa espanhola em busca do «berbigão», encontra-se frequentemente gente de Vila Real de Santo António, muita de Monte-Gordo e alguma de Cacela e das Cabanas.

Ao marítimo da vila pombalina é familiar toda a orla do mar que vai de Faro a Huelva e a Sevilha, e da prática frequente com os seus camaradas espanhóis aprende um palavriado que mistura com a sua língua de origem.

Monte-Gordo, por exemplo, não trará consigo um adjectivo que denuncia claramente a origem espanhola? Aquele «gordo», por mais que nos digam, cheira-nos a vocábulo de importação.

Por tudo isto, a faixa de dunas que pousa na margem direita do Guadiana, recortada de hortas que só um milagre de teimosia e de sábia adubação fez surgir da areia estéril, é uma zona que quase não tem nada de comum com o «outro Algarve» das figueiras, das amendoeiras e dos «montinhos» aconchegados na dobra dos serros.

Até a «Altura» de Cacela e até Castro Marim, a foz do Guadiana é feita de areais onde os pinheiros levam anos a crescer, à

falta de humus que lhes dê vigor.

Um pouco mais a montante, os homens das povoações da borda-de-água, de um lado e de outro, tanto pegam numa enxada para cavar, como nos remos para ir ao rio deitar umas «nassas» ou uns «palangres». E é ele que comanda os hábitos da região...

Nos «montinhos» pobres, logo para cima da «Villa», do lado de Espanha, há muitas famílias portuguesas que ali se fixaram.

E é tão frequente o contacto entre os dois países, mau grado a veia que os separa, que o português fronteiriço, mais permeável, porventura, que o seu vizinho espanhol, deixa-se contagiar facilmente desse ar estranho que, em muitos anos de proximidade paredes-meias, lhe foi moldando a vida e os dizeres raianos.

Cândido Marreças

Duas Quadras

SENTINELA

Tu tens pernas de gazela, quando andas em liberdade. Podes correr à vontade, — que eu fico de sentinela!

GRANDEZA

Quero-te assim, mesmo feia, porque és feia bem fadada. — A luz de qualquer candeia traz a noite iluminada!

A. Vicente Campinas

DIVAGANDO SOBRE TURISMO

(Conclusão da 1.ª página)

to escura e, segundo o parecer de peritos, deve ter sido esculpida em meados do século XVII.

Este deus búdico, do budismo «importado» em dorsos de camelos no século IV da era Cristã, é um deus genuinamente japonês e pertence à constelação de que são figuras primaciais o buda Konan-On, Sakia-Mouni, o buda supremo Dai-Niti-Niourai e Rosada.

Sentado, descalço, representando um velho seco e nervoso, Yen-Nô-Guiô-Dja segura na mão direita um cajado de viajante, cajado cambado e retorcido de calcorrear velhos caminhos

NOTAS À MARGEM

(Conclusão da 1.ª página)

desacato que recebemos como uma ferida no nosso coração.

É o sr. Ministro da Educação Nacional pessoa de espírito desempoeirado. Para ele apelamos para que o agravo seja redimido.

Ginástica

NOS Estados Unidos da América, o presidente determinou que os funcionários públicos dediquem, diariamente, uma hora à ginástica.

Achamos a medida acertada, especialmente dirigindo-se a uma classe que leva uma vida, no geral, sedentária.

Tal devia ser praticado entre nós, onde todos queremos ser atletas e falamos de papo-cheio em desporto mas negando a ginástica, base essencial de todo o vigor físico.

Crianças!

À vinha a notícia: uma criança de dois anos ficou só em casa, onde havia lume. Chegou-se junto dele, incendiaram-se-lhe as roupas e ficou gravemente queimada, quem sabe se inutilizada para o resto dos seus dias.

Mães! Toda a cautela é pouca. Não deixeis os vossos filhos em casa com lume aceso. O lume é traiçoeiro e causa muitas desgraças.

Sereias

NOS mares das ilhas Man há quem garanta que tenha visto sereias tomando os seus banhos de sol nas areias e rochedos.

Sem irmos tão longe e esperando mais um pouco haverá em toda a costa algarvia bandos de sereias, gentis e preciosas, estendidas pelos areais dourados e sob as arcarias das rochas e que são o encanto dos olhos que as vêem e as delicias dos tritões que as acompanham.

poeirentos, e, na mão esquerda, um guia geográfico enrolado.

Além de um bom guia para os que viajam e procuram no percorrer terras estranhas uma diversão para o espírito, Yen-Nô-Guiô-Dja é um deus de bondade, não consistindo o seu enorme poder somente na garantia contra os acidentes, mas também contra os fenómenos atmosféricos, perturbações extra-terrenas que anulam passeios, viagens e pique-niques à sombra amiga de árvores ramalhudas, contornadas por ribeirinhos chilreantes, de que a nossa mata das Caldas de Monchique é magnanimamente beneficiada.

Para o mês de Maio, data em que, de todo o Mundo, começam a partir turistas no desejo sempre crescente de conhecer novas terras, novas gentes, novos hábitos, de se deixarem prender no bulício das grandes cidades, ou de se deleitarem com poentes rubros,

(... — Ó força do Sol-pôr! Ó Inferno de Dante! Apogeu d'astros! Ó sabbat de feliciferas! Ó Sol ensanguentado! Ó cabeça-falante, Que o fundámbulo poente anda a mostrar nas [feiras..])

como diria António Nobre, será bom que levem uma pequena imagem do velho Yen-Nô-Guiô-Dja, para que as férias corram felizes e tranquilas, na materialização dos desejos que no sossego do lar foram idealizados.

Se ao demandarem estas terras algarvias, viradas para as claridades do sul, melhor que o guia Yen-Nô-Guiô-Dja encontrarão tranquilidade de espírito na terra algarvia, soalheira e alegre, mirando-se garrida e vaidosa no seu mar tão sereno e de cor tão límpida, que não se saberá onde termina o mar e começa o céu, o que levará o turista, enlevado em tal maravilha, a dizer, pela certa, que a terra algarvia «está mesmo pertinho do céu».

Armando de Mendonça

AGRADECIMENTO

João Cumbreira Ramirez, profundamente reconhecido e na impossibilidade de o poder fazer pessoalmente, vem, por este meio, manifestar o seu agradecimento a todos que, directa ou indirectamente, se interessaram pelo seu estado de saúde durante a sua última doença.

"Simple mas delicioso..."

...porque tudo é cozinhado com Vaqueiro. Frito com Vaqueiro, o peixe fica muito mais gostoso. E depois, a acompanhar, aquele molho suculento e bem preparado (também com Vaqueiro, é claro!) faz um prato estupendo."*



ESCREVE-NOS a Ex.ª Sr.ª

D. Maria de Lourdes Leal, B.º de S. João à Estrada da Luz, 4-2.º, Esq. — Lisboa.

Com a Vaqueiro, qualquer prato fica uma delícia. Experimente estrelar os ovos com Vaqueiro, e verá que maravilha! É um gosto saboreá-los assim douradinhos e gostosos.

* Esta carta pode ser consultada no Inst. Culinário da Margarina Vaqueiro, R. dos Fanqueiros, 278, 3.º — Lisboa



VITAMINADA

Vaqueiro

FABRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA. SACAVIM

61-VA-40

ARCO DA VELHA

CALCANHAR DE AQUILES

Muita gente usa a expressão «calcanhar de Aquiles». Tal expressão serve para significar o ponto fraco de qualquer pessoa, como todos sabem.

Pois tal expressão tem origem no seguinte:

Aquiles, o mais valente dos guerreiros gregos, era invulnerável em todo o corpo, com excepção do calcanhar. Isso porque, quando pequeno, sua mãe, para torná-lo assim invulnerável, o mergulhara no Rio Estígio, cerca do Inferno. Mas, como o segurara pelo calcanhar, foi esta a parte do corpo que não recebera aquele benefício.

Pelo menos, assim o diz a lenda.

As árvores da borracha oferecem a particularidade curiosa de, quando as sementes estão maduras, as cascas que as envolvem reventam, arremessando-as à distância de cerca de trinta metros. Nesse momento, produz-se um ruído semelhante ao matraquear de uma metralhadora.

Diz-se que o famoso compositor Rossini era um grande guloso e que a sua inspiração agia de notável maneira quando comia e bebia muito e bem.

A população da China, disposta ordenadamente em fila de duas pessoas, daria uma volta ao Mundo e ainda assim sobriariam muitos milhares de chineses...

Proporcionalmente à sua extensão territorial, o país do Mundo que tem maior número de telefones é o Vaticano.

As mulheres japonesas não usam jóias...